

Renato Modernell

A notícia como fábula

Realidade
e ficção
se confundem
na mídia



A notícia
como
fábula

Coleção AcadeMack, 12

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Reitor: Benedito Guimarães Aguiar Neto

Vice-reitor: Marcel Mendes

COORDENADORIA DE PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS

Coordenadora: Helena Bonito Couto Pereira

EDITORA DA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Conselho Editorial

Helena Bonito Couto Pereira (*Presidente*)

José Francisco Siqueira Neto

Leila Figueiredo de Miranda

Luciano Silva

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos

Moises Ari Zilber

Valter Luís Caldana Júnior

Wilson do Amaral Filho

Renato Modernell

A notícia
como
fábula

Realidade
e ficção
se confundem
na mídia

Copyright © 2012 Renato Modernell.

Todos os direitos reservados à Universidade Presbiteriana Mackenzie e à Summus Editorial. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Summus Editorial.

Coordenação editorial: Joana Figueiredo

Capa e projeto gráfico: Alberto Mateus

Diagramação, preparação de texto e revisão: Crayon Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Modernell, Renato

A notícia como fábula : realidade e ficção se confundem na mídia / Renato Modernell. — São Paulo : Universidade Presbiteriana Mackenzie : Summus, 2012.

Bibliografia.

ISBN (Mackenzie): 978-85-7916-134-6

ISBN (Summus): 978-85-323-0517-6

1. Comunicação escrita 2. Ficção 3. Jornalismo 4. Jornalismo literário 5. Mídia 6. Notícias jornalísticas 7. Realidade I. Título.

12-07135

CDD-070.43

Índice para catálogo sistemático:

1. Realidade e a ficção nos textos jornalísticos :
Construção da notícia : Jornalismo 070.43

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Rua da Consolação, 930

Edifício João Calvino, 7º andar

CEP: 01302-907 — São Paulo — SP

Tel.: (5511) 2114-8774/2114-8785

editora@mackenzie.com.br

www.editora.mackenzie.br

SUMMUS EDITORIAL

Rua Itapicuru, 613, 7º andar

CEP: 05006-000 — São Paulo — SP

Tel.: (5511) 3872-3322 - Fax (5511) 3872-7476

www.gruposummus.com.br

Como adquirir os livros:

Livraria Mackenzie

Campus Higienópolis

Rua Itambé, 135 — Prédio 19 — Loja 1

CEP 01302-907 — São Paulo — SP

Tel.: (5511) 2766-7027

livraria@mackenzie.br

Summus Editorial

Tel.: (5511) 3873-8638 - Fax (5511) 3873-7085

www.gruposummus.com.br

Para a minha namorada.

Nothing is real
and nothing to get hung about.

JOHN LENNON, *Strawberry fields forever.*

Sumário

Prefácio	Muito além da pauta	
	<i>José Carlos Marão</i>	11
1	A máquina de escrever	15
2	<i>Si non è vero, è ben trovato</i>	21
3	Outro passeio no bosque	41
4	Periodicidade e silêncio	51
5	Selando a aliança social	57
6	Espírito corporativo	63
7	Equívocos cristalizados	75
8	Luzes na Estação da Luz	89
9	A arte da escritura	97
10	A tentação dos adjetivos	109
11	Quando saímos da estrada	117
12	Eloquência vazia	123
13	O monopólio da memória	141
14	Ora (dizeis), ouvir estrelas!	151
15	<i>Serendipities</i>	157
Referências		161
Índice		165

Prefácio

Muito além da pauta

JOSÉ CARLOS MARÃO*



Um dia alguém me cochichou, num canto da redação:

– Tem um aí que sabe escrever.

Era uma injustiça, claro. Afinal, todos os jornalistas, em princípio, sabem escrever. Mas a frase tinha sentido, naquele contexto. E provavelmente já continha uma boa dose de *fabulação*, fenômeno que Renato Modernell descreve muito bem neste seu *A notícia como fábula*.

Eram os tempos em que *Quatro Rodas*, uma revista de automóveis em um país que só tinha quatro montadoras e alguns poucos modelos de carros, precisava, todo mês, cativar e prestar serviços aos seus leitores. Importação, nem pensar: era

* Foi repórter no jornal *Folha de S.Paulo* e nas revistas *O Cruzeiro* e *Realidade*. Na Editora Abril, participou da criação da revista *Realidade* e foi diretor do grupo *Quatro Rodas*. É autor do livro *Realidade Re-Vista*, lançado em parceria com José Hamilton Ribeiro, em 2010. Atualmente é editor da Anagrama Editorial e integrante do Projor, Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo, entidade sem fins lucrativos criada pelo jornalista Alberto Dines, que mantém, entre outras operações, o Observatório da Imprensa On-Line.

proibida. A solução era lembrar, a todo momento, que dentro de cada carro havia uma pessoa. E criar pautas de interesse dos leitores nesse universo: segurança, viagens, história, educação, economia. Os assuntos técnicos sobre modelos que o público poderia comprar não seguravam a revista, que, a cada mês, era ansiosamente esperada por um grande contingente de leitores. (Aliás, essa questão da periodicidade das publicações também é muito bem analisada por Modernell, nas próximas páginas, como mais um fator de *fabulação*.)

As vagas, na redação, eram, em sua maioria, ocupadas por jornalistas da área técnica. Então, o grande suprimento de reportagens da chamada “geral” era feito por *freelancers*. Com o tempo, à medida que surgissem vagas, alguns acabariam sendo contratados.

Aquele que *sabia escrever*, como todos já adivinharam, era um dos jovens que faziam *freelance* para *Quatro Rodas* e um dia seria contratado: Renato Modernell. Sim, o mesmo que hoje é mestre em jornalismo e doutor em letras.

A revista queria e precisava de gente que enxergasse além da pauta. As pautas, criadas na redação em um ambiente praticamente isolado do cotidiano das cidades, deveriam ser apenas sementes que germinariam se fossem plantadas em um bom terreno, ou seja, um bom repórter. Ou, como talvez dissesse o Modernell de hoje, as pautas precisavam de alguma *fabulação*. O Modernell daquele tempo já sabia ou intuía isso: suas matérias traziam sempre muito mais do que a pauta pedia.

Só esta qualidade já justificaria a frase lá de cima: *tem um ai que sabe escrever*.

Aliás, neste livro, ele dá um excelente exemplo de enriquecimento de pauta. O *buraco de rua*, para quem não sabe, é

sinônimo, nas redações, de matéria que nenhum repórter quer fazer. Receber a tarefa de fazer uma reportagem sobre um buraco de rua é sinal de falta de prestígio. Ou de estar sendo perseguido pelo chefe. No comecinho dos anos 1960, não era apenas sinônimo: buraco de rua significava literalmente ir até um bairro, fotografar o buraco e escrever um texto. Em uma cidade esburacada, os jornais atendiam as reclamações de leitores.

Modernell mostra como um simples buraco de rua pode afetar a vida de uma moça que queria ser modelo ou de um comerciante que recebia visitas frequentes da fiscalização. Ou seja, em qualquer matéria, se o repórter enxergar além da pauta e perguntar para si mesmo em que ponto aquilo afeta a vida do cidadão comum, terá um material muito melhor para trabalhar.

Ir além da pauta, porém, é apenas metade da tarefa. A outra metade é colocar tudo isso no papel (perdão, na tela) de maneira cativante, para levar o leitor até o fim do texto. E, é claro, o jovem Modernell também tirava de letra essa segunda parte de uma boa reportagem. Justificava plenamente o *sabe escrever*.

Alguns colegas diziam que era covardia pois, afinal, o rapaz já era um contista premiado. Outra injustiça: muitos jornalistas que nunca tinham se aventurado pela literatura também escrevem muito bem.

Esse *como* escrever é discutido pelo professor Modernell nesta obra. Ele vai buscar um exemplo no jazz. Quando perguntaram a Louis Armstrong o que é o jazz, ele respondeu: *o jazz não é um que, mas como*.

Na verdade, nada impede (a não ser a idiossincrasia de alguns chefes) que a vida real seja escrita em forma de romance.

É possível atender a todos os requisitos da pirâmide invertida, todos os *W*¹ do lide, em forma de romance. Basta saber.

Nem sempre isso é aceito. Tive uma matéria² publicada na revista *Realidade*, em maio de 1966, com várias ousadias em relação ao convencional do texto jornalístico. A redação mandou a matéria para o prêmio Esso e vieram me dizer, depois, que ela disputou a final e ficou em segundo lugar, porque era *mais uma crônica do que uma reportagem*. Se a matéria ficou mesmo em segundo, eu não sei. Mas a simples frase mostrava preconceito quanto à forma do texto: era sim uma reportagem, mas escrita de forma não convencional.

O uso de uma forma mais literária e de recursos literários sempre leva a uma *fabulação* da verdade. Mas recursos tipicamente jornalísticos têm o mesmo efeito, como bem demonstra o professor Modernell.

Enfim, a leitura do *A notícia como fábula* leva a importantes reflexões sobre a profissão e o trabalho dos jornalistas. Mesmo quando achamos que estamos levando ao público *a verdade nua e crua*, pode ser que, no próprio esforço para apresentar o fato puro e simples, já esteja contido o *fator de fabulação*.

Seria o caso até de pedir licença ao mestre Alberto Dines para usar o *slogan* do Observatório da Imprensa: *you nunca mais vai ler jornal do mesmo jeito*. Depois da leitura do *A notícia como fábula*, você também nunca mais vai ler jornal do mesmo jeito. O acadêmico Renato Modernell voltou a ser repórter e, mais uma vez, foi muito além da pauta.

¹ O “lide”, forma aportuguesada de *lead*, deve, em princípio, responder aos vários “Ws”: O que?, Quem?, Quando?, Como?, Onde?, Por que? (em inglês, os cinco “Ws”: *What, Who, When, Where, Why*). O “como” (*how*) é incluído somente por alguns professores.

² “Nossa cidade”, edição n. 7, sobre Conceição do Mato Dentro (MG).

A notícia como fábula

“Às vezes, a única coisa verdadeira num jornal é a data”, disse Luis Fernando Verissimo. Tomar ao pé da letra essa frase bem-humorada do cronista pode não ser um bom negócio. Porém, ainda mais temerário seria aceitar a hipótese oposta, ou seja, de que tudo acontece do jeito que o jornalista nos conta. Certos recursos de escrita e de edição aumentam tanto a temperatura do texto que provocam a fusão entre a fantasia e a realidade. Esse fenômeno misterioso, com seu toque de alquimia, é o que Renato Modernell investiga em *A notícia como fábula*.

